

Heleno Getúlio Paulo

Aspectos do Crescimento Urbano de Campo Grande

Rio de Janeiro
junho de 1993

Sumário

	Pág.
Introdução.....	2
Campo Grande : Forma, função e uso no passado.....	4
Forma, função e uso no passado recente.....	7
Bibliografia.....	11

Introdução

Desde a fundação da Cidade do Rio de Janeiro, em primeiro de março de 1565, por Estácio de Sá, existiam leis próprias que concediam poderes especiais aos fidalgos da Casa Real e aos jesuítas. Baseado nessas leis que doaram a Sesmaria de Campo Grande, no decorrer do tempo, esta foi sendo desmembrada em fazendas, onde se cultivava milho, cana-de-açúcar, laranja, manga, caqui, limão, etc. O cultivo da laranja teve maior sucesso devido a demanda existente na época, para atender o mercado de exportação. Até 1939 figurava a área de Campo Grande junto com Realengo, Jacarepaguá e Santa Cruz entre os maiores produtores de laranja, chegando em 1939 a exportar 144.577 toneladas do produto. O sucesso da produção cítrica deu-se com o surgimento da República. A citricultura da origem, também, a uma classe média, abastada e numerosa.

A decadência desta citricultura dá-se em função da guerra que contribuiu de maneira decisiva para que começasse a transformação das propriedades rurais em loteamentos.

Na última década do século passado ocorria o pleno crescimento dos principais bairros suburbanos do Rio de Janeiro e entre eles Campo Grande. No decênio 1940 / 1950, Campo Grande apresentava um alto índice populacional de 70% de crescimento na Cidade do Rio de Janeiro, na década de sessenta teve um incremento de 112% na sua população, o mais alto de toda a Cidade do Rio de Janeiro, decorrente do seu extraordinário crescimento e da sua acelerada transformação. Estes dados demonstram que Campo Grande passa por uma extraordinária evolução, de importante zona rural para uma zona suburbana bastante agitada.

O núcleo suburbano de Campo Grande apresenta fisionomia urbana muito semelhante o da cidade, com importante centro comercial, ruas calçadas, bairros residenciais; bem diferenciados socialmente.

A classe média, radicada em Campo Grande desde os tempos do apogeu da citricultura, é constituída de comerciantes e de ex-proprietários de chácaras de laranjas, enriquecidos com loteamentos ou desmembramentos das mesmas, formando assim, verdadeira elite, cuja existência se reflete na fisionomia da Região através do grande número de casas confortáveis. Há de se ressaltar que parte desta elite migrou para Zona Sul, ou então, mais tarde para os condomínios da Barra da Tijuca.

CAMPO GRANDE : Forma, função e uso no passado

Heleno Getúlio Paulo

O Bairro Campo Grande no período Colonial e Imperial apresentava uma característica essencialmente agrária, com seus grandes latifúndios voltados para agricultura de exportação e consumo interno. A terra era dividida em Sesmaria determinando uma desigualdade entre os que a detinham os meios de produção, a terra e a mão-de obra escrava e aqueles que vendiam a sua força de trabalho, ou seja, o homem livre que não tinha acesso a terra.

O estudo da Região de Campo Grande vem fortalecer a teoria de que o objeto da Geografia é a sociedade. Não cabe mais a questão de se pensar a Geografia somente através da paisagem, espaço ou região.

Na organização social que acontece em Campo Grande desde o período colonial, é que vamos procurar fundamentos para compreender como esta região atravessou várias fases de desenvolvimento. A atuação do homem na natureza é que provoca toda essa mudanças. Como nos sugere Lobato:

“O longo processo de organização e reorganização da sociedade deu-se concomitantemente a transformação da natureza primitiva em campos, cidades, estradas de ferro, minas, voçorocas, parques nacionais, shoppings centers, etc. Estas obras do homem são suas marcas, apresentando um determinado padrão de localização que é próprio a cada sociedade ou, simplesmente, o espaço geográfico. A objetivação do estudo da sociedade pela Geografia faz-se através de sua organização espacial. “

A produção era em função da demanda externa para atender o grande consumo nos países as Europa. O cultivo da cana-de-açúcar predominou como produto principal no Brasil, recebendo de alguns estudiosos da história a denominação de ciclo da cana-de-açúcar. Em seguida, já no final do século passado, o café passa a ser o produto principal do Brasil.

Como já foi mencionado anteriormente, no período colonial há uma grande demanda por produtos cítricos. Campo Grande e periferia formam praticamente um tapete de laranjais.

Com a decadência desta cultura, o que se vê na paisagem de Campo Grande, é uma grande produção de caqui e algumas culturas de hortaliças e legumes, como: chuchu, batata holandesa, batata-doce e aipim que formam um cinturão verde, da Serra do Mendanha, até a Avenida Brasil, o que acontece, também com a região do Rio da Prata, responsáveis pelo abastecimento da CEASA e o consumo interno, com reforço da produção do Município de Itaguaí.

Vale a pena ressaltar a importância do serviço de transportes que inicialmente era feito por bonde de tração animal, que ocorria desde 1894, graças a concessão dada pelo Conselho Municipal a Cia de Carris Urbanos. O trajeto ligava Campo Grande a Guaratiba e atendia a empresa, no transporte de capim, até a estrada de ferro para alimentar os burros da empresa em São Cristóvão.

O transporte de passageiros deu-se, mais ou menos, na mesma época, com a colocação de um reboque. Só em 1917 foi ampliado o serviço de bondes elétricos com pranchas para transporte de cargas. O bonde serviu para produção agropecuária até a abertura das estradas de rodagem em Campo Grande, sendo o único bairro da Zona Oeste, agraciado com este meio de transporte. Sua última linha foi extinta em 1967.

Na década de 40, toda produção era exportada por navios estrangeiros frigoríficos, que recolhiam a produção no Porto do Rio de Janeiro. A crise dos combustíveis e a falta de transportes por rodovias para chegar as laranjas das chácaras até a ferrovia, provocou o apodrecimento das frutas nos pés, agravando a proliferação de pragas. Com o agravamento do atendimento ao consumo interno, houve a proibição por parte do governo de exportação. Esta medida determinou a transformadao do espaço com o loteamento destas áreas. Como cita Segadas Soares:

“Se até 1946, essa região não fora alcançada pela onda loteadora, a razão disso fora a extraordinária vitalidade da citricultura, apoiada na exportação, que deteve a marcha urbanizadora que vinha se processando ao longo da Estrada de Ferro Central do Brasil e de outras ferrovias. A crise da laranja iria por em abaixo essa barreira a urbanização... Pôr em ação os

tratores e transformar o campo em cidade (foi) a solução adotada, uma vez que a metrópole de terra para localizar suas indústrias... e para instalar as populações que ela tinham afluído para trabalhar nessas indústrias. Demarcar, alinhar, arruar, fazer propaganda e vender a terra sob a forma de pequenos lotes residenciais, isso fizeram os que primeiro compreenderam que o ciclo da laranja no município se tinha realmente encerrado, isto fizeram todos os demais, isso se faz ainda hoje: arrancar os últimos laranjais e transformá-los em loteamentos”

Os pés de laranjas foram dando lugar a conjunto habitacionais e a expansão comercial do bairro. O espaço rural acabou se curvando diante do acelerado crescimento urbano.

No período do segundo grande conflito, com a substituição, obrigatória, dos produtos de importação no Brasil e, com o incentivo da industrialização, assumindo o Estado papel preponderante na indústria de base e pesada, culminando com a proliferação de vários setores da produção, servindo como escoadouro dos bens de produção da indústria pesada. Estradas foram se abrindo e diminuindo o trajeto entre o subúrbio e o núcleo urbano e, ligando o subúrbio ao escoamento de mercadorias do eixo Rio-São Paulo e Minas Gerais, encorajando as fábricas a se instalarem longe do núcleo de consumo e próximo as saídas para outros estados localizadas mais próximo dos subúrbios. A criação e a expansão da Avenida Brasil colaborou, não resta a menor dúvida para este crescimento industrial no Município do Rio de Janeiro.

As favelas não comportavam mais gente, houve uma grande migração de famílias para Baixada Fluminense e orla da estrada de ferro, que servia os ramais de Nova Iguaçu e Santa Cruz. O Governo criou vários conjuntos habitacionais, inclusive na Zona Oeste. Os sítios e fazendas foram transformados em lotes pela especulação imobiliária e pela ação dos grileiros. A terra foi se valorizando a proporção que o espaço era cada vez mais ocupado e urbanizado.

FORMA, FUNÇÃO E USO NO PASSADO RECENTE

Com a ampliação da Avenida Brasil até Santa Cruz, a Avenida Brasil começa a ser ocupada por indústrias de base e complementares. Há uma grande demanda de mão-de-obra, acarretando uma absorção de trabalhadores locais, melhorando o nível de vida destes e, uma migração de população da Zona Norte e Sul para a Zona Oeste, funcionários das empresas que iam se estabelecendo e outros que vieram em busca de trabalho. Intensificaram-se as vendas de lotes e incrementou a construção civil com a construção de vários conjuntos habitacionais, financiados pelo BNH, para atender a classe média e população de baixa renda. Vale a pena ressaltar, que a classe média, foi a mais favorecida com o Sistema Financeiro Habitacional, já que o valor da prestação da casa própria, não era compatível com a renda das classes populares. Em Campo Grande os construtores que mais se destacaram foram: Antônio Brito, Antônio coelho e os Irmãos Araujo. Como cita Lobato:

“É no capitalismo, contudo que a segregação residencial torna-se mais complexa, a medida que se amplia o processo de estruturação das classes sociais e seu fracionamento . Novos modelos espaciais de segregação aparecem impulsionados pelos diferentes agentes da organização espacial urbana: proprietários fundiários, incorporadores imobiliários, industriais, articulados em maior ou menor grau aos bancos e o Estado.”

As construtoras foram agraciadas com o favorecimento do Estado através de empréstimos com juros baixos para implementar a construção das casas ditas populares, mas que na realidade não passavam de casas modestas e de alto custo para população. O financiamento para o novo proprietário era com juros altos e se agravou com a inflação galopante que se instalou no país a partir do final da década de 70.

A fábrica de pneus Michelin, instalada em Campo Grande, de capital francês, foi a primeira grande fábrica que se estabeleceu fora do eixo da Avenida Brasil, no lado oposto da Estrada de Ferro. Absorveu, também, uma grande quantidade de mão-de-obra. Criou vários condomínios de casas e apartamentos, para atender aos técnicos franceses e funcionários graduados. Próximo a estação foi inaugurado um Hotel para atender os visitantes da fábrica e de outros profissionais que não haviam fixado residência, principalmente os que vinham de longe. Com a saída dos franceses, os condomínios foram vendidos, também para classe média. O Hotel foi transformado em Hotel de alta rotatividade.

Para atender a população crescente, o comércio foi obrigado a se expandir. Várias empresas do núcleo de consumo do Rio e de outros Sub-centros se instalaram na Rua Coronel Agostinho e adjacências, no principal Centro Comercial de Campo Grande, multiplicando seu capital. Os bazares e armarinhos aglutinaram-se, formando grandes lojas de departamentos, as casas de lanches se transformaram em restaurantes e grandes lanchonetes com um visual bastante moderno. O serviço bancário ampliou-se com a instalação de agências modernas, foi criada uma nova rodoviária para atender não só a população local, mas também, a alguns municípios próximos como Angra dos Reis e Petrópolis. Ressaltamos também a ampliação de um colégio, Afonso Celso, em faculdade, Faculdade Moacir Bastos.

Com a atividade comercial bastante expandida, Campo Grande passou a atender aos Bairros e municípios vizinhos como: Angra dos Reis, Mangaratiba, Itaguaí, Senador Camará, Santíssimo, Vasconcelos, Pedra e Barra de Guaratiba, Seropédica, Santa Cruz, etc.

Campo Grande e hoje, sem dúvidas um sub-centro do Município do Rio de Janeiro, segundo Lobato:

“Os efeitos da ampliação do capital das empresas localizadas no centro da cidade, somados as deseconomias aglomeração, quer dizer, o congestionamento do tráfego, a ausência de áreas para expansão ou o alto preço da terra, traduzem-se na recriação de novas concentrações de atividades em áreas distantes do centro da cidade e dotado de alguma vantagem locais como uma posição geográfica favorável.”

Campo Grande é hoje um poderoso centro urbano, com todas as virtudes e mazelas, características da cidade grande capitalista subdesenvolvida. Aumentou consideravelmente o índice de criminalidade. Houve uma mudança substancial do clima, decorrente do desmatamento criminoso das empresas construtoras, da poluição provocada pelas fábricas, o grande número de veículos acarretou um grande índice de monóxido de carbono na atmosfera. Está havendo um aumento gradativo da temperatura em Campo Grande e o ar está se tornando sufocante em determinadas épocas. Não cabe mais dizer que Campo Grande é um lugar bom para morar porque o ar é puro.

A quantidade de pessoas que transitam no Centro de Campo Grande é imensa. O centro não foi estruturado para receber tanta gente, as ruas são estreitas e, as empresas de ônibus e a prefeitura insistem em levar o terminal rodoviário até a estação, o que causa grande transtorno, principalmente na hora do *rush*.

O calçadão, ocupado pelos camelos, obriga as pessoas a fazerem uma verdadeira ginástica para se locomover. A prefeitura tem travado uma luta incansável para remover os camelos. O novo Prefeito prometeu transformar o calçadão num grande shopping aberto, conforme projeto para Avenida Rio Branco e Madureira.

Com a duplicação da via de acesso da Avenida Brasil ao centro de Campo Grande, o comércio está se expandindo horizontalmente nesta via que compreende as estradas do Mendanha, Capoeiras, Rio do A e Monteiro, desafogando um pouco o Centro Comercial.

Apesar do nível de vida de Campo Grande não ser um dos piores do Rio, hoje temos a criação de várias favelas, a proliferação de mendigos e meninos de rua, grande índice de desemprego, característico do centro da cidade e do momento brasileiro, o que há bem pouco tempo não acontecia.

O Centro de Campo Grande deixa a desejar, no que diz respeito a cultura. Não tem uma biblioteca decente. Funciona apenas um cinema sem nenhum conforto e a projeção dos filmes de qualidade não acontece, o melhor cinema foi absorvido pela Igreja Universal. Tem um teatro cuja freqüência não é das melhores, talvez pela falta de hábito das pessoas de freqüentar teatros ou pela falta de segurança nas ruas ou pelo comodismo de apenas se distrair através da televisão. Existia um teatro de arena, mas este se encontra em estado de abandono. Campo Grande tem duas faculdades, uma de formação de professores, Faculdade de Filosofia de Campo Grande, passando por significativo processo de diminuição de alunos, bastante intensificada no final da década passada, e na década

atual, isto agravará naturalmente, mais tarde, um problema que não vem sensibilizando as autoridades que é a falta de professores, a demanda de alunos do segundo grau é maior que a oferta de escolas. O Estado e Governo Federal não investem como deveriam Campo Grande, obrigando aos moradores procurar outros centros de educação. A outra Faculdade é a Moacir Bastos, com cursos de economia, administração e ciências humanas. Ambas pertencem à iniciativa privada. Não existe Universidade Pública na Zona Oeste.

Outro fenômeno recente é o da ocupação, movimento popular organizado de população carente, que em momentos pré-estabelecidos, ocupa áreas em estado de abandono, pertencente ao governo ou grileiros, desmarcando-as em lotes e, construindo habitações precárias de materiais variados, como: caixotes, latas, papelão, plástico, etc. O movimento da ocupação é um dos movimentos mais bem organizado, hoje no Rio de Janeiro.

Campo Grande tem tudo para ser hoje um município falta apenas vontade política. É interessante ressaltar que, apesar de Campo Grande ter uma grande população em condições de eleger, vários representantes na Câmara Municipal, praticamente não tem representatividade dentro da política do Município e do Estado, resume-se apenas a dois representantes. Os Votos dos moradores de Campo Grande vão para os políticos, oportunistas que só aparecem na época das eleições, fazendo promessas e desaparecendo quando eleitos. Isto se deve provavelmente, ao fato da maioria dos eleitores pertencerem, no passado, diversos lugares diferentes. Até o recadastramento do TRE havia uma movimentação grande de eleitores para outras áreas.

O morador atual não tem conhecimento dos políticos locais e, ainda não houve uma sólida formação de lideranças com os novos moradores. É evidente que não existe, também acesso a grande mídia da eleição.

Bibliografia

ABREU, Mauricio Almeida. A Evolução Urbana do Rio, de Janeiro 2ª edição - Rio de Janeiro - I Plan Rio / Zahar, 1988.

CARLOS, Ana Fani A. . A Cidade. São Paulo: Contexto, Repensando a Geografia, 1992.

CORREA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática - Série princípios . 3ª edição. São Paulo, 1989.

CORREA, Roberto Lobato Região e Organização Espacial. São Paulo: Editora Ática - Série princípios . 3ª edição. São Paulo, 1990.